

SABERES DOS MESTRES GRIÔS NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NOS BAIROS GUAMÁ E TERRA FIRME EM BELÉM-PA

Silvia Regina Hungria Gouveia¹
Cibele Santos Cordeiro²
Heliana Baía Evelin³

Resumo: Relato de trabalho extensionista que tem por objetivo identificar os saberes dos Mestres Griôs, suas histórias de vida, memória social e contribuições para o processo de transformação social através da oralidade e da vivência comunitária com crianças e adolescentes nos bairros Guamá e Terra Firme em Belém-Pa, fornecendo elementos para a discussão sobre o meio ambiente cultural, composto por manifestações populares, histórias e saberes. Este artigo tem sua origem nas experiências vivenciadas no projeto “AÇÃO GRIÔ - Patrimônio ambiental cultural no diálogo entre o ensino de artes na escola e a tradição da arte popular nos bairros Guamá e Terra Firme” da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: Cultura, Mestres Griôs, Meio Ambiente

¹Graduanda do Curso de Serviço Social. Bolsista de Extensão PROEX/UFPA. silviahungria@yahoo.com.br.

²Graduanda do Curso de Geografia. Cibele_18@yahoo.com.br

³Orientadora. Coordenadora do projeto “AÇÃO GRIÔ - Patrimônio ambiental cultural no diálogo entre o ensino de artes na escola e a tradição da arte popular nos bairros Guamá e Terra Firme” da Universidade Federal do Pará. hbesoria@ufpa.br



Introdução

Bairros como o Guamá e a Terra Firme são os bairros mais populosos de Belém do Pará, considerados os mais violentos e também os que possuem o maior número de manifestações populares. Esses bairros aparecem na mídia por noticiários de violência e não pelo universo cultural ali existente.

A cultura popular expressada pelas mais diversas manifestações populares, seja na época da quadra junina onde a cultura popular paraense aparece mais evidenciada nos meios de comunicação, seja na época do Círio de Nossa Senhora de Nazaré onde a maioria da população do Estado se une para prestigiar a maior festa religiosa do país, que leva para as ruas da capital mais de um milhão de pessoas, ou na época natalina em que comemoram o nascimento do menino Jesus e expressam esse momento através do teatro com a encenação do auto do Natal. Em todos esses acontecimentos artísticos ou religiosos, as manifestações populares dos bairros Guamá e Terra firme estão presentes para disseminar seus saberes e aprendizados.

O terreiro de umbanda mais antigo da capital, a Universidade Federal do Pará considerada a maior universidade do Norte do país estão localizados no bairro do Guamá; na Terra Firme estão localizadas empresas como a EMBRAPA, o Museu Paraense Emilio Goeldi, a Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA dentre outros prédios e empresas de importância econômica, cultural ou científica para o estado.

O projeto “AÇÃO GRIÔ - Patrimônio ambiental cultural no diálogo entre o ensino de artes na escola e a tradição da arte popular nos bairros Guamá e Terra Firme” tem entre seus objetivos construir conhecimentos sobre os Mestres Griôs, identificar a importância destes como guardiões da memória e da história de um povo ou comunidade que têm a missão ancestral de receber e transmitir os ensinamentos das e nas comunidades, integrar saberes e fazeres populares na educação formal.

O presente artigo está dividido em três momentos. Primeiramente uma breve abordagem sobre o conceito de cultura nos diferentes olhares existentes para este termo, inclusive a relação entre meio ambiente e cultura; a seguir um olhar sobre a tradição oral e como os Mestres Griôs repassam seus saberes e fazeres através da oralidade e a articulação com instituições que podem apoiar a consolidação do projeto; por último o registro resumido da história de vida de um mestre griô.

1. Conceitos de cultura

As diferenças culturais não significam inferioridade ou superioridade. Admitir o relativismo cultural é algo fundamental para se compreender as diversas culturas existentes na sociedade, portanto definir o conceito de cultura é algo delicado, pois ao definir este termo podemos correr o risco de excluir determinados comportamentos ou modos de vida como, por exemplo: a maneira de agir, pensar e sentir de um grupo de pessoas ou classe social; o modo de ser dos brasileiros; as manifestações populares. Nas palavras de Marcariam (1980):

Estabelecer limites reais para um fenômeno global como cultura não é tarefa nada simples. Muitos investigadores da cultura ignoraram pura e simplesmente este problema. Outros tentaram resolvê-lo através de um sentido limitativo do conceito, separando simplesmente alguns elementos do conjunto social e denominando-os «cultura». (...) Não têm um critério claro e rigorosamente formulado para definirem cultura como um dos componentes do todo social. É absolutamente evidente, que só encontrando um critério se pode obter uma definição metodológica efetiva do conceito em questão.

O conceito de cultura tomado no seu sentido sociológico geral caracteriza o mais amplamente possível o modo específico de existência humana em contraposição com os modos de existência biológica, então o conceito de «cultura historicamente dado» representa uma abstração que tem por fim exprimir os traços gerais e específicos dos métodos de existência elaborados pelos diferentes povos. (Marcariam, 1980).

A palavra cultura é de origem romana e oriunda, da expressão latina *colere*, cujo significado relaciona-se ao cultivo, cuidado, trabalho do homem com a natureza para preservá-la e torna-la possível de habitação. Essa era a definição inicial de cultura daí a agricultura. (Williams, *apud*, Moljo e Cunha.).

Segundo Chaui (2008), no correr da história do ocidente esse sentido foi-se perdendo até que, no século XVIII, com a Filosofia da Ilustração, a palavra cultura ressurgiu, mas como sinônimo de outro conceito, torna-se sinônimo de civilização, que deriva da ideia de vida civil, portanto, de vida política e de regime político. Com o Iluminismo, a cultura é o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução.

A partir do século XX, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos

sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e valores, que definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano. (Chauí, 2008).

O geógrafo Carl Sauer vê cultura primeiramente como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior. (Sauer *apud* Claval, 2001, p. 31). Portanto, o conceito de cultura é algo que varia de acordo com métodos e técnicas da ciência ou filosofia estudada.

1.1. O meio ambiente cultural

Quando se fala em meio ambiente nos vem à mente a floresta, a fauna, o cuidado da água, a questão do solo, dentre outros aspectos da natureza. Esta noção do meio ambiente é apenas um aspecto, o meio ambiente natural. Porém, o meio ambiente cultural, assim como todos os demais bens ambientais, constitui objeto de relevante preocupação atual no mundo. Os bens que integram o meio ambiente cultural são também protegidos pelo art. 225, da Constituição Federal “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” e pelo que se lê no art. 216 da Constituição Federal/1988:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”

No conceito de meio ambiente cultural estão incluídas todas as manifestações dos grupos e classes sociais do país, visando à proteção da riqueza de nossa cultura, e seu valor histórico, científico e cultural.

Assim, proteção do meio ambiente refere-se também ao meio ambiente cultural como meio de responsabilidade social. Outrossim, falar de cultura popular, não é falar de práticas realizadas pelas classes menos favorecidas, pois a cultura está inserida na vida cotidiana de todos na sociedade sem discriminação de raça, etnia ou classe social.

2. Tradição Oral e Mestres Griôs

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita como na África Ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral, que pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. (Vansina, 1981).

Neste contexto, a figura do Mestre Griô entra em cena. Griô é uma palavra abasileirada pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, de Lençóis, Bahia. Vem de Griot, da língua francesa, que traduz a palavra Dieli, que significa o sangue que circula. Na língua bamanan, habitante do território do antigo império Mali na África. O Griô é um, poeta, contador de histórias, artista etc. Ele é o sangue que circula os saberes, histórias, mitos, lutas e glórias de seu povo, dando vida à rede de transmissão oral de sua região e país.

No Brasil a palavra Griô se refere a todo cidadão que se reconheça e/ou seja, reconhecido pela sua própria comunidade como, um mestre das artes, cura e ofícios tradicionais, através de uma pedagogia que valoriza o poder da palavra, oralidade, vivência e da corporeidade (pedagogia Griô). Torna-se a biblioteca e a memória viva de seu povo. Em sua caminhada no mundo, transmite saberes e fazeres de geração em geração, fortalecendo a identidade de sua família ancestral e comunidade. Exemplo de Griôs: Folião dos reis, capoeirista, parteira, erveira, carimbozeiro, fazedores de todas as expressões culturais populares que se transmite por uma tradição oral. (Fonte Ministério da Cultura).

2.1. A inserção na comunidade

A inserção na comunidade possibilitou a troca de experiências com os produtores culturais dos bairros Guamá e Terra Firme e a aquisição escrita, por meio da metodologia da história oral, da sabedoria existente nos mestres, indicando uma tecnologia a ser apropriada pela academia. Esse diálogo entre a universidade e os

artistas populares desenvolvidos através do ensino, pesquisa e extensão é uma experiência única para o discente que, ao entrar em contato direto com a realidade tem a possibilidade de tornar-se um profissional melhor preparado, haja vista que ter uma experiência prática possibilita fazer uma leitura crítica da realidade e da conjuntura como um todo para compreender a totalidade Estado, Mercado e Sociedade que se entrecruzam. Trata-se de uma dupla via de obtenção e transmissão de conhecimentos, pois os próprios artistas não conheciam a existência do termo Mestre Griô e possibilitou uma abertura para a discussão do meio ambiente cultural tema pouco explorado por todos.

A Ação Griô Nacional nasceu em 2006 como projeto criado e proposto pelo Grão de Luz e Griô da Bahia ao programa Cultura Viva da Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura. Ainda não tem visibilidade no Pará, embora tenha-se conhecimento de Mestres Griôs reconhecidos pelo IPHAN e que já realizam ações no interior do Estado, com transmissão, por exemplo, para crianças e jovens do canto de ladainhas em latim, cuja origem remonta o tempo da escravidão negra no Brasil.

2.2. A articulação com instituições

Na Secretaria de Educação - SEDUC-PA constatou-se desconhecimento deste tipo de pedagogia, mas recebeu-se a informação sobre algumas coordenações que talvez possam apoiar o projeto por desenvolverem cursos de capacitação de alunos e professores: A Coordenação de Educação Profissional (COEP) oferece cursos técnicos de arte e gramática em algumas escolas em Belém; A Coordenadoria de Ação Educativa e Complementar (CAEC) promove na quadra junina um festival de músicas típicas do Estado do Pará. Outrossim, A SEDUC estabelece um convênio com a Fundação Curro Velho e trabalha nas escolas através de oficinas de dança, capoeira, teatro etc.

A articulação com a Secretaria do Meio Ambiente - SEMA possibilitou um conhecimento do meio ambiente cultural. Na SEMA existem dois projetos que trazem a cultura como temática:

O primeiro projeto é “Conservação da Biodiversidade em Terras Indígenas” e o segundo projeto é o “Diagnóstico Socioeconômico, Ambiental e Cultural da Comunidade do Bacabal (Salvaterra)”. O projeto Conservação da biodiversidade em terras indígenas é um projeto criado por Claudia Kahwage no governo de Ana Julia Carepa e foi renovado no atual governo de Simão Jatene. Este projeto tem por objetivo promover o estabelecimento de diretrizes, ações científicas, técnicas (metodológicas) e políticas para a conservação da biodiversidade e uso sustentável dos recursos naturais

em terras indígenas no estado do Pará. Executa mais três subprojetos: Subprojeto I- levantamento da situação socioambiental das terras indígenas do Pará; Subprojeto II- etnoconhecimento da biodiversidade; Subprojeto III- gestão ambiental de terras indígenas: etnomapeamento, etnozoneamento e manejo dos recursos naturais. Área de atuação: o projeto é desenvolvido nas terras indígenas Trombetas e Nhamundá Mapuera (Calha Norte do Estado), terra indígena Caiapós (Sul Paraense), terra indígena Alto Rio Guamá (Nordeste Paraense).

O segundo projeto O Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da comunidade Bacabal, localizado no município de Salvaterra/Marajó, foi elaborado com seus moradores e a equipe da Gerência de Proteção do Meio Socioeconômico e Cultural (GEMEC) da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA), formada por Ernildo Serafim (agrônomo), Andréia Dantas (Turismóloga) e Anderson (arquiteto), entre os dias 21/09/2009 a 25/09/2009. O objetivo do projeto é promover a conservação da sociobiodiversidade e dos recursos naturais nas dimensões econômica, ambiental, social e cultural em comunidades tradicionais, esperando-se contribuir com a melhoria de vida dessas populações (Fonte: Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da comunidade Bacabal).

O projeto “AÇÃO GRIÔ - Patrimônio ambiental cultural no diálogo entre o ensino de artes na escola e a tradição da arte popular nos bairros Guamá e Terra Firme”³ é uma iniciativa inédita no âmbito da UFPA e necessita de um tempo maior para sistematizar descobertas e experiência de forma a poder subsidiar políticas públicas que identifiquem os atores importantes para a produção de tecnologias sociais. Neste caso, busca-se tecnologias advindas de saberes e fazeres griôs que possam ser compartilhados no ensino de artes para crianças matriculadas na Escola de Aplicação da UFPA.

Considera-se a importância do trabalho interdisciplinar entre os profissionais de Serviço Social e Educação permitindo-lhes discutir com os sujeitos de sua ação os significados das teorias que orientam os discursos que movem a sociedade onde estão situados, levando-se em conta que o “limite das teorias é não apenas a própria complexidade humana, mas a possibilidade de construção de novas teorias ou ressignificação das já existentes”. Evelin, 2012

3. Mestre Evaldo Gomes Maciel

Evaldo Gomes Maciel, natural de Abaetetuba, nasceu em 08/10/1948. Seu pai era carpinteiro naval e construía embarcações. Em 1952, quando tinha quatro anos veio para Belém com a família. Primeiramente morou no bairro do Jurunas onde teve seu primeiro contato com as escolas de samba, todo ano, na época do Carnaval, curtia as saídas do “Rancho não Posso me Amofiná”.

Começou a trabalhar com seis anos em uma carpintaria; aos sete anos já fazia brinquedos de madeira (bonecos, casas, carros e outros objetos). Desde então pegou gosto pela arte. Mais tarde continuaria ajudando a construir móveis pela parte da manhã e a tarde estudava na Escola Técnica Industrial de Belém. Com 15 anos de idade foi trabalhar como bancário, mas continuava a exercer a função de artesanato, pois tinha muita encomenda, saiu do banco e em 1974 foi contratado pelo Rancho para confecção de chapéus. Em 1978 montou um atelier próprio no Jurunas atrás do Rancho; a seguir foi para o barracão do Rancho e a escola foi campeã em 1979 com o tema “Tempo de Criança”, em 1980 a escola repetiu o feito com o tema “Museu Paraense Emílio Goeldi”, em 1981 consagra-se tricampeã com o tema “Tuyá, o pequeno índio guardião da floresta renascida” e em 1982 Evaldo fecha sua participação pelo Rancho com mais um título dessa vez a escola entra em cena com o tema “A dança das folhas na Cidade das Mangueiras”.

Em 1983 foi trabalhar na Escola de Samba “Arco-íris” localizada no bairro do Guamá onde executou o projeto “Um grande coração chamado Brasil” e foi campeão. A escola havia acabado de ser fundada, conquistando o campeonato em sua estreia na avenida. Evaldo permaneceu na “Arco-íris” nos anos de 1984, 1985, 1986, 1987 e 1989.

Em 1990 Joãozinho Trinta convidou-o para ir ao Rio de Janeiro para trabalhar no barracão da Escola “Beija-flor de Nilópolis” como ajudante de carnavalesco nos anos de 1991, 1992, 1993. Retornou ao Pará e foi trabalhar em Tucuruí até 1997. Em sua volta a capital do Pará trabalhou na Escola de Samba “Bole Bole” com o tema “Academia Paraense de Letras, delírios dos poetas imortais”.

Em 1998 passou para a Escola “Acadêmicos da Pedreira”, que em 1999 conquistou seu primeiro campeonato com o tema “Magia no reino do curupira” e em 2000 consagrou-se bicampeã com o tema “Magia no reino do curupira” e em 2000 consagrou-se bicampeã com o tema “Samba a vista, seu Cabral”. Nos

anos 2000 e 2001 voltou para o carnaval de Tucuruí e em 2003 e 2004 voltou para a “Acadêmicos da Pedreira”.

Títulos conquistados: 4 títulos pelo Escola de Samba “Unidos de Tucuruí” (1994, 1995, 1996, 2001). 4 títulos pelo Rancho “Não Posso Me Amofiná” (1979, 1980, 1981, 1982); 5 títulos pela Escola de Samba “Arco-íris” (1983, 1984, 1985, 1986, 1987); 5 títulos pelo Escola de Samba Acadêmicos da Pedreira (1999, 2000, 2003, 2004, 2008); 2 títulos em Soure;

Por ocasião da entrevista, mestre Evaldo atuava no carnaval de Tucuruí, era projetista do Boi Malhadinho do bairro do Guamá, desenhava o figurino dos brincantes, repassava seus conhecimentos através de oficinas de técnicas de escultura, bordado e percussão realizadas no pátio de sua casa. Como instrutor realizava também oficinas no interior do Pará (Tucuruí, Xinguara, Santarém Novo, Ourém etc.) e na Fundação Curro Velho. Era membro do Arraial do Pavulagem dentre outras atividades desenvolvidas para ajudar a disseminar a cultura popular paraense.

Não gostava de ser chamado de carnavalesco, pois considerava que “carnavalescos são todos os que trabalham para a escola”. Preferia ser chamado de artesão. Ficava muito triste quando se referia a não valorização de seu trabalho por parte das autoridades e de todos que não acreditam na importância da cultura:

Perguntado sobre o que seu trabalho significava em sua vida respondeu com muito orgulho:

“É através deste trabalho, que é tão discriminado por muitos, que sustento a mim e a minha família e fico muito feliz quando meu trabalho vai para as ruas e avenidas desfilar toda a beleza da nossa cultura popular paraense e brasileira”.

“Se não fosse meu espírito de luta para continuar levando a cultura popular do estado eu não sei, pois as pessoas não valorizam o trabalho e ainda acham que a cultura é só brincadeira”.

“Não abandonaria meu trabalho de artesão por nenhum outro trabalho, pois a arte me fascina, quanto mais eu crio mais dá vontade de viajar para um mundo distante e procuro me aproximar deste mundo através do papel”.

“Viajo em busca de um imaginário para por no papel, viajo a Marte, a Júpiter, o mundo se torna diferente, pois só quem enxerga sou eu.”

Mestre Evaldo Gomes Maciel faleceu no dia 27 de janeiro de 2012, aos 63 anos de idade. .

A coleta de vida do Mestre Evaldo Gomes Maciel, um mestre da cultura popular do bairro do Guamá foi algo extremamente valioso, ante a possibilidade de registra-la para a geração futura.

Considerações finais

A cultura não tem um lugar determinado. Onde há seres humanos lá existe cultura, ou seja, na relação do ser humano com o seu meio, na memória, criação, produção, participação. Assim, o trabalho extensionista está possibilitando um entendimento sobre os saberes e os fazeres dos mestres griôs e do papel fundamental na transformação social da comunidade na qual estão inseridos, papel este que, muitas vezes, passa despercebido aos olhares de autoridades que pouco investem na cultura popular e nos saberes que estes mestres podem transmitir.

O meio ambiente cultural é um assunto onde o avanço nos estudos pode proporcionar um universo de descobertas. O projeto atende demandas que contam, no Brasil, com escassez de produção teórico-metodológica do Serviço Social que: a) estimulem e favoreçam o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao exercício de atividades profissionais para planejar, implementar e avaliar programas e projetos sociais em Educação, Cultura e Meio Ambiente; b) formar e dinamizar parcerias para potencializar a utilização dos recursos disponíveis e o atendimento às necessidades das organizações envolvidas nos programas e projetos; c) subsidiar a avaliação de indicadores sociais, políticos e econômicos na definição de prioridades de ação; d) aplicar novas tecnologias de gestão de recursos humanos e de serviços sociais, que tenham como objetivo estimular o próprio espírito cooperativo das equipes de trabalho, além de provocar a responsabilidade social como um princípio ético que deve orientar o trabalho profissional.

Referencias bibliográficas:

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junio 2008.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural; tradução de Luiz fugazzola Pimenta e Margareth de castro Afeche pimenta. 2 ed. a UFSC,2001.

EVELIN, H, B. Projeto AÇÃO GRIÔ - Patrimônio ambiental cultural no diálogo entre o ensino de artes na escola e a tradição da arte popular nos bairros Guamá e Terra Firme. Belém: UFPA/ICSA, FASS, PPGSS, 2011.

_____. **Referentes Culturais do Serviço Social.** Texto extraído e atualizado da Tese de Doutorado Serviço Social no Contexto das Ciências da Cultura, apresentada em 1994 à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Belém, UFPA, 2012.

MARCARIAM, Eduardo, S. et al. O papel da cultura nas ciências sociais. Porto alegre: Villa Martha, 1980.

MINISTÉRIO DA CULTURA <http://www.cultura.gov.br/site/>

MOLJO. Carina e CUNHA, Ariane M. Serviço Social e cultura: considerações as cercas das concepções de cultura na trajetória da produção desde sua gênese até os anos de 1990. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistalibertas/files/2011/02/artigo05_11.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE (SEMA). Projeto Conservação da Biodiversidade em Terras Indígenas. Pará: Meio Ambiente, 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE (SEMA). Projeto Diagnóstico Socioeconômico, Ambiental e Cultural da Comunidade do Bacabal (Salvaterra). Pará: Meio Ambiente, 2009.

VANSINA, Jan tradição oral e sua metodologia São Paulo; Ática, 1981 volume 1 <http://afrologia.blogspot.com.br/2008/03/tradio-oral-e-sua-metodologia> acesso em: 20 de abril. 2012.